

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ROSIANE DE SOUZA BATISTA

**IDENTIDADE CULTURAL DOS SATERÉ-MAWÉ – O RITUAL DE INICIAÇÃO
TUCANDEIRA**

**PARINTINS/AM
2025**

ROSIANE DE SOUZA BATISTA

**IDENTIDADE CULTURAL DOS SATERÉ-MAWÉ – O RITUAL DE INICIAÇÃO
TUCANDEIRA**

Artigo Científico apresentado como exigência parcial para aquisição de título em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Amazonas – UEA, sob a orientação do Prof^o ME. Luis Alberto Mendes de Carvalho

**PARINTINS/AM
2025**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

B333i Batista, Rosiane de Souza
 Identidade Cultural dos Sateré-Mawé - O ritual de Iniciação
Tucandeira : Identidade Cultural dos Sateré-Mawé - O ritual de
Iniciação Tucandeira / Rosiane de Souza Batista . Manaus : [s.n], 2025.

35 f. : ; 21,0 cm.

Artigo - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do
Estado do Amazonas, Manaus, 2025.
Inclui Bibliografia.
Inclui Apêndice.
Orientador: Luis Alberto Mendes de Carvalho.

1. Ritual de Iniciação. 2. Identidade Cultural. 3. Sateré-Mawé. 4.
Estudos antropológicos. I. Luis Alberto Mendes de Carvalho (Orient.)
II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus , que me deu força e sabedoria para terminar a faculdade. Agradeço por estar ao meu lado em todos os momentos bons e ruins agradecer também a minha família.

Também Dedico este trabalho a todos os professores da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que foram luz e inspiração ao longo dessa jornada acadêmica.

Em especial, ao professor Franklin , meu primeiro professor que conheci na uea , cuja didática leve, divertida e sempre afetuosa tornou a sala de aula um espaço de alegria e aprendizado verdadeiro. Sua forma carinhosa de ensinar ficará para sempre marcada em minha memória.

À querida professora Maria Celeste, que foi a segunda professora que conheci, que com sua energia contagiante e maneira divertida de conduzir as aulas, nos mostrou que o saber pode ser leve, humano e cheio de sentido.

Ao querido professor Luis Alberto de Carvalho, que com paciência, sabedoria e generosidade nos guiou nesta caminhada de descobertas e amadurecimento. Sua orientação foi essencial para a realização deste trabalho e para minha formação como educadora.

À professora Delma, que com seu acolhimento e competência nos ensinou com dedicação e carinho, sempre disposta a nos ouvir e apoiar.

À professora Dilce Pio, com sua alegria e autenticidade, fez da sala de aula um ambiente acolhedor, e nos ensinou tanto com seus conteúdos quanto com seu exemplo.

Também agradeço aos professores Patrícia, Elizeu e Grizoste, que com suas contribuições e ensinamentos fizeram parte dessa trajetória tão significativa. Cada palavra, cada aula, cada conselho foi essencial na construção do meu saber e da minha caminhada.

A todos vocês, minha mais profunda gratidão por terem acreditado em mim. Este trabalho é fruto de muitas mãos, corações e sorrisos compartilhados.

Com carinho e respeito,
Rosiane de Souza Batista

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me sustentou nos momentos mais difíceis, iluminou meu caminho e me deu forças quando pensei em desistir. Sem a fé que me guiou até aqui, nada disso seria possível.

Agradeço profundamente à minha família, alicerce da minha vida. Aos meus pais, Rosário Batista e Rosinha de Souza, que sempre acreditaram em mim, mesmo nos momentos mais desafiadores. Obrigada por cada palavra de incentivo, por cada oração e por todo amor que me fortaleceu em silêncio.

Ao meu avô José Cirilo Batista, que sempre confiou no meu potencial e me inspirou a persistir com coragem. Não posso deixar de lembrar com carinho e saudade do meu primeiro professor, aquele que me ensinou a ler e que, mesmo não estando mais entre nós, vive em mim por meio do saber que me despertou.

À minha vó Alexandrina Batista, que tantas vezes me motivou a continuar, dizendo para eu nunca desistir de estudar. Suas palavras ecoaram em minha mente nos momentos em que precisei de força.

Um agradecimento muito especial à senhora Antônia Silva Souza, que me acolheu com tanto amor desde os meus 10 anos, sem conhecer meus pais. Obrigada por ser minha segunda mãe, por me oferecer um lar, cuidado e amor incondicional. Sua generosidade mudou a minha vida, e eu serei eternamente grata por tudo.

A todas essas pessoas que fizeram parte da minha história, que acreditaram em mim quando eu mesma duvidei, este trabalho é também de vocês. Vocês me ajudaram a chegar até aqui. Muito obrigada!

Com todo meu amor e gratidão,
Rosiane de Souza Batista

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA... ..	10
2.1. Identidade cultural em Stuart Hall.....	10
2.2. O ritual de iniciação em Victor Turner	12
2.3. A simbologia cultural em Clifford Geertz.....	15
3. A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	17
3.1. Observação participativa.....	17
3.2. Entrevistas semiestruturadas.....	18
3.3. Aplicação de questionários.....	18
3.4. Local e período da pesquisa.....	19
4. ANÁLISE DE RESULTADOS.....	20
4.1. Vivência dos jovens iniciados.....	21
4.2. Participação e visão dos anciãos.....	24
4.3. Elementos simbólicos do ritual.....	30
4.4. O papel do ritual na preservação da identidade.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
16. REFERÊNCIAS.....	34

RESUMO: A pesquisa a que se refere o presente texto investigou aspectos do ritual de iniciação cultural denominado de Ritual da Tucandeira dos Sateré-Mawé. Nessa perspectiva abordou sua importância na formação da identidade cultural dessa etnia. A metodologia adotada combinou pesquisa bibliográfica, com a revisão de estudos antropológicos e etnográficos sobre os povos Sateré-Mawé e seus rituais seguida de pesquisa de campo, com observações participativas durante o ritual e entrevistas com membros da comunidade sob observação. O objetivo geral foi analisar o ritual não apenas em seus aspectos cerimoniais, mas também no que se refere aos seus significados simbólicos e sociais na construção da identidade coletiva e individual dos jovens nativos. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas com líderes comunitários, anciãos e jovens, além de observações diretas do ritual. Como fundamentos para a análise qualitativa trouxemos alguns conceitos etnográficos como "ritual de iniciação", "identidade cultural" e "símbolos e significados", com suporte teórico de autores como Stuart Hall: *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (1992), Victor Turner: *O Processo Ritual ou Os Ritos de Passagem* (1969) e Clifford Geertz: *A interpretação das culturas* (1973). Nela abordamos como o ritual serve ao fortalecimento de laços comunitários e atua como forma de resistência cultural, dando voz a nativos do Amazonas. Com este trabalho pretendemos dar mais visibilidade à diversidade cultural e apoiar a luta dos Sateré-Mawé pela visibilidade de sua cultura. A qual, em grande medida, sempre foi conhecida pela ótica de estudiosos externos à comunidade.

Palavras-chave: Ritual de Iniciação; Identidade Cultural; Sateré-Mawé.

ABSTRACT: The research to which this text refers investigated aspects of the cultural initiation ritual known as the Tucandeira Ritual of the Sateré-Mawé. From this perspective, it addressed its importance in the formation of the cultural identity of this ethnic group. The methodology adopted combined bibliographical research with the review of anthropological and ethnographic studies on the Sateré-Mawé people and their rituals, followed by field research, with participatory observations during the ritual and interviews with members of the community under observation. The general objective was to analyze the ritual not only in its ceremonial aspects, but also in relation to its symbolic and social meanings in the construction of the collective and individual identity of the native youth. Data collection was carried out through semi-structured interviews with community leaders, elders and young people, as well as direct observations of the ritual. As a basis for qualitative analysis, we brought some ethnographic concepts such as "initiation ritual", "cultural identity" and "symbols and meanings", with theoretical support from authors such as Stuart Hall: *Cultural Identity in Postmodernity* (1992), Victor Turner: *The Ritual Process or Rites of Passage* (1969) and Clifford Geertz: *The Interpretation of Cultures* (1973). In this work, we address how the ritual serves to strengthen community ties and acts as a form of cultural resistance, giving voice to natives of the Amazon. With this work, we intend to give greater visibility to cultural diversity and support the Sateré-Mawé's struggle for the visibility of their culture, which, to a large extent, has always been known from the perspective of scholars outside the community.

Keywords: Initiation Ritual; Cultural Identity; Sateré-Mawé.

INTRODUÇÃO

Os povos indígenas Sateré-Mawé possuem uma rica cultura marcada por tradições ancestrais que reforçam sua identidade coletiva. Entre essas práticas, destaca-se o ritual de iniciação Tucandeira, uma cerimônia que representa um marco na vida dos jovens dessa etnia, simbolizando a passagem deles para a idade adulta. Esse ritual é reconhecido não apenas pelo desafio físico imposto aos participantes. Mas, também pelo seu profundo significado social e espiritual, sendo um elemento central na manutenção da identidade cultural dos Sateré-Mawé.

Diante da importância do ritual Tucandeira para essa comunidade, a pesquisa buscou compreender seus significados e sua relevância na construção da identidade individual e coletiva do povo Sateré-Mawé. Como objetivos específicos, destacam-se: Investigar os símbolos e significados presentes no ritual da Tucandeira, compreendendo sua função na construção identitária dos Sateré-Mawé; Verificar a percepção dos jovens iniciados e dos anciãos sobre a importância do ritual, analisando suas experiências e visões; Estudar como o ritual de iniciação reforça os laços comunitários e contribui para a coesão social e a continuidade cultural da etnia.

Assim, o presente trabalho apresenta-se por meio de uma abordagem que combinou pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, permitindo-nos, ao final, realizarmos uma análise da cerimônia. Abordamos conceitos essenciais, como identidade cultural, ritual de iniciação e símbolos e significados, fundamentados em autores como Stuart Hall, Victor Turner, e Clifford Geertz. A pesquisa de campo incluiu observações diretas e entrevistas com membros da comunidade, garantindo-nos uma compreensão mais ampla e contextualizada da prática.

O estudo descreve as etapas e símbolos do ritual, analisa seu papel na cultura Sateré-Mawé e compreender seu impacto na vida dos jovens iniciados. Além de contribuir para a valorização e preservação das tradições indígenas, também buscamos combater estereótipos e promover o respeito à diversidade cultural. Dessa forma, este trabalho se torna relevante não apenas para o campo acadêmico, mas também para a sociedade nativa, ao fomentar o reconhecimento e a valorização das culturas indígenas amazonenses.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A noção de identidade cultural em Stuart Hall (1997) está ligada à ideia de que a identidade não é algo fixo, mas um conceito dinâmico que se constrói e se reconstrói ao longo do tempo, sendo influenciado por múltiplas interações sociais e culturais. Essa visão da identidade cultural, Hall expõe em sua obra “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”

(1997). Neste caso, foi usada para analisar a identidade cultural dos Sateré-Mawé, um povo indígena localizado no estado do Amazonas, Brasil. Stuart Hall, um dos principais teóricos da cultura e da identidade no pós-modernismo, reflete sobre o conceito de identidade cultural com uma abordagem crítica. Ele defende que a identidade não é algo essencial e fixa, mas um processo contínuo de formação, influenciado por uma série de fatores históricos, sociais e políticos. A identidade não é algo que se “é”, mas algo que se “torna”. Ela é uma produção cultural, em constante mudança, não fixa (HALL, 1997, P. 28).

Segundo Stuart Hall, “a identidade é uma construção social que resulta das interações entre indivíduos e grupos dentro de contextos específicos” (IDEM). Essa definição destaca a natureza dinâmica da identidade, que está sempre em processo de transformação. Ela reflete a interação entre influências externas e práticas internas de um grupo, sendo construída através de símbolos, práticas culturais e narrativas que ressaltam as diferenças e distinções entre grupos sociais.

(Hall, 1997, p. 29) enfatiza que “as práticas culturais não são homogêneas; ao contrário, são fragmentadas, plurais e variáveis”. Isso implica que a identidade de um grupo nunca é fixa e está em contínua negociação. Assim, a identidade cultural de qualquer grupo também está profundamente ligada à forma como esse grupo se posiciona em relação ao “outro”. Portanto, a construção de uma identidade envolve tanto a afirmação do que um grupo é quanto a diferenciação do que ele não é. Essa dinâmica de afirmação e diferenciação representa um aspecto essencial do processo de negociação das identidades culturais no mundo moderno e pós-moderno.

Como muitos outros povos indígenas, a identidade cultural dos Sateré-Mawé é complexa e multifacetada. Ela se manifesta através de práticas culturais, rituais, crenças espirituais e a língua, essenciais à formação do “nós” na condição de grupo distinto. Ao que se indica, a identidade Sateré-Mawé, tal como a identidade cultural em geral descrita por Hall, não é algo imutável, mas um processo que se constrói e se transforma ao longo do tempo.

A resistência e adaptação à modernidade são aspectos centrais da identidade dos Sateré-Mawé, exemplificando a noção de identidade em processo descrita por Stuart Hall. Segundo Hall (1997, p. 11), “os grupos culturais, quando expostos a influências externas, respondem de diferentes formas”, seja assimilando elementos externos, resistindo a eles ou reconfigurando suas práticas tradicionais para lidar com novos contextos. No caso dos Sateré-Mawé, essa negociação é evidente na preservação de seus rituais tradicionais, como o

ritual do *uça*, que embora mantenha sua essência como prática de iniciação, também passou por transformações ao longo do tempo.

Além de Hall, outros estudiosos oferecem perspectivas complementares sobre a construção da identidade cultural. Por exemplo, Homi K. Bhabha (1994) discute a ideia de “hibridismo cultural”, propondo que a identidade não é fixa, mas sim um conjunto de pontos convergentes em que diferentes culturas se encontram e se influenciam mutuamente. Para Bhabha (1994, p. 11), “a cultura não é um espaço homogêneo; ela é sempre um espaço de negociação”.

Igualmente relevante é a abordagem de Pierre Bourdieu (1990), que enfatiza o conceito de “*habitus*”, referindo-se às disposições duráveis e transferíveis que moldam as práticas sociais e culturais dos indivíduos. Seguindo a assertiva de Bourdieu, a identidade se constitui pelas experiências sociais e pelos contextos em que os indivíduos estão inseridos, refletindo as dinâmicas de poder e capital cultural. A partir dessas perspectivas, podemos entender em relação à identidade dos Sateré-Mawé que não se trata apenas de uma questão de resistência ou adaptação isolada; é uma construção complexa que envolve a interação contínua entre tradições e inovações. Essa dinâmica revela como os Sateré-Mawé negociam sua identidade em meio às pressões da modernidade, reafirmando-a em seus rituais enquanto se adaptam às novas realidades sociais que os circundam.

No entanto, a transformação/evolução não significa uma perda da identidade, mas uma adaptação para manter a relevância cultural no contexto atual. Como Hall (1997) explica, “as identidades não são algo que simplesmente se preservam, mas algo que constantemente se transformam, se misturam e se reconfiguram diante das novas realidades” (HALL, 1997, P. 32). Essa ideia pode ser aplicada ao modo como os Sateré-Mawé negociam sua identidade em um mundo quase que totalmente globalizado.

Em relação à identidade, a língua dos Sateré-Mawé, também desempenha um papel crucial na construção/manutenção desse aspecto cultural. A língua é, naturalmente, um marcador dessa identidade. Assim sendo, sua preservação está diretamente ligada à continuidade cultural de grupos. No entanto, o contato com a sociedade externa, especialmente através da educação formal e da mídia, tem exercido pressão sobre a língua Sateré-Mawé. É comprovável que a supremacia da língua dominante no cenário linguístico, apesar de que no estado do Amazonas ela seja apenas uma das línguas oficiais, o contato com a língua portuguesa pode levar à diluição da língua nativa original. Isso é um reflexo do processo

descrito por Hall, em que a identidade cultural, incluindo a língua, não é imutável, mas sujeita à interação com forças externas.

A identidade cultural dos Sateré-Mawé, portanto, está em constante negociação entre a preservação de suas tradições e a necessidade de adaptação ao mundo moderno. Esse processo de negociação e adaptação reflete exatamente a perspectiva de Stuart Hall sobre a identidade cultural. Hall reafirma que, em um mundo globalizado e pós-moderno, as identidades estão em constante mudança e são frequentemente fragmentadas. Ele ensina: “As identidades culturais não são fixas, não são propriedades naturais; elas estão sempre em construção, com influências internas e externas em jogo.” (HALL, 1997, P. 34).

No caso dos Sateré-Mawé, a adaptação ao novo contexto não implica uma perda da identidade cultural, mas sim uma transformação das práticas culturais para assegurar sua continuidade e relevância. Além disso, a luta dos Sateré-Mawé para preservar suas terras e sua cultura também reflete a resistência à imposição de identidades externas. Este embate, Hall identifica como fundamental para a formação das identidades culturais. Em um mundo marcado por políticas de assimilação e marginalização, a resistência torna-se uma forma de (re)afirmação identitária, o que se alinha com o conceito de identidade como resistência proposto por Hall.

O conceito de ritual de iniciação também é tratado na antropologia como um processo de transição que marca a passagem de um estágio da vida para outro, como a transição da infância para a vida adulta. Victor Turner, em sua obra *O Processo Ritual* (1969), explora profundamente esse conceito, definindo o ritual de iniciação como um processo que envolve uma mudança de status e uma reintegração do indivíduo à sociedade com um novo papel social.

Turner descreve os rituais de iniciação como “rituais de passagem” que simbolizam essa transição crucial. Ele afirma que “[...] os ritos de passagem, que marcam a transição do indivíduo de um estado social para outro, são fundamentais para o processo social, pois ajudam a incorporar o indivíduo à sociedade em um novo papel, simbolizando o processo de reordenação e transformação” (TURNER, 1969, P. 94).

Nesse sentido, o ritual de iniciação, como o ritual da Tucandeira, ao ser realizado entre os Sateré-Mawé, não é apenas uma cerimônia de passagem, mas um momento de transformação profunda, onde o jovem, por meio de um processo simbólico e físico, se prepara para assumir um novo papel na comunidade. Turner destaca também que esses rituais, ao promoverem a “liminaridade” um estado de ambiguidade e incerteza durante o rito -

permitem que os participantes experimentem um espaço de renovação, no qual suas identidades são reformuladas e ressignificadas.

Turner detalhou que o ritual de iniciação envolve três fases principais: separação, liminaridade e reincorporação, um ciclo que é fundamental para a transformação e integração de indivíduos na sociedade, conforme será detalhado a seguir.

Separação: A primeira fase dos ritos de iniciação, conforme descrito por Victor Turner, é a separação, quando o iniciado é retirado de seu estado anterior. Este processo não se limita apenas ao afastamento físico do ambiente familiar ou comunitário, mas também abrange uma série de transformações simbólicas e emocionais. Durante essa fase, o indivíduo deixa para trás as identidades e os papéis associados à sua infância ou à condição de “não iniciado”.

O processo de ruptura é frequentemente acompanhado por rituais que podem incluir cerimônias de purificação, vestimentas especiais ou mudanças no comportamento. Por exemplo, em muitas culturas indígenas, os jovens podem ser levados para a floresta ou para um local sagrado onde passam por testes físicos ou espirituais que simbolizam a superação da infância. Este distanciamento não é apenas físico; é uma transição psicológica que prepara o iniciado para as responsabilidades e expectativas da vida adulta.

Além disso, a separação também pode envolver um afastamento simbólico das normas sociais habituais. As regras que governam o comportamento diário são suspensas ou alteradas durante este período, permitindo que o iniciado experimente uma nova forma de ser. Isso pode incluir a participação em rituais de "morte" simbólica da infância, onde o indivíduo deve enfrentar medos ou desafios que o forcem a refletir sobre sua identidade e seu lugar na sociedade.

Essa ideia de separação pode ser vista em diversos contextos além dos rituais tradicionais. Por exemplo, na sociedade contemporânea, podemos observar rituais de iniciação em cerimônias como formaturas ou até mesmo em processos como o alistamento militar. Em cada um desses casos, há um componente de separação do *status* anterior – seja como estudante ou cidadão comum – e uma preparação para assumir novas responsabilidades.

Outra aplicação do conceito de separação pode ser vista em contextos mais amplos, como na transição entre diferentes estágios da vida (como a adolescência para a idade adulta), mudanças de carreira ou até mesmo em processos terapêuticos onde os indivíduos precisam se distanciar de comportamentos prejudiciais para abraçar novas formas de viver.

No caso, a fase de separação nos ritos de iniciação é um momento crucial que não apenas marca a transição do indivíduo para um novo estado social, mas também serve como

um espaço para reflexão profunda sobre identidade e pertencimento. Essa fase é essencial para garantir que o iniciado esteja verdadeiramente preparado para as novas responsabilidades que virão com a reintegração à sociedade.

Assim, no ritual Tucandeira, os jovens iniciados são separados de sua vida cotidiana, de sua infância, e são imersos em um espaço onde estarão sob a orientação dos anciãos e outros membros mais experientes da comunidade. Isso corresponde à fase de separação descrita por Turner, onde os iniciados são retirados de sua identidade anterior e colocados em uma nova condição.

A fase intermediária, ou “liminaridade”, é a mais importante na compreensão de Turner sobre os rituais de iniciação. Ele descreve essa fase como um estado de “antiestrutura”, no qual os participantes do rito são temporariamente removidos de sua posição social anterior e não ocupam uma posição claramente definida dentro da hierarquia social. Durante esse período, os iniciados estão em um estado de ambiguidade, onde suas identidades anteriores são dissolvidas e novas possibilidades de identidade são exploradas.

Essa fase liminar é um espaço de profunda transformação, aprendizado e renovação, onde os iniciados passam por experiências que desafiam suas noções anteriores de si mesmos e do mundo. Turner escreve: “Na fase liminar, os participantes são despojados de seu status anterior e identidade social, e entram em um período de transição durante o qual são ambíguos, nem aqui nem ali, entre a estrutura da sociedade e a antiestrutura.” (TURNER, 1969, P. 95).

A fase liminar no ritual Tucandeira é particularmente importante. Durante a iniciação, os jovens enfrentam desafios físicos e espirituais, como o sofrimento causado pelas picadas das formigas tucandeiras, que simbolizam a dor e o sacrifício necessários para alcançar a maturidade. Esse processo coloca os iniciados em um estado de “ambiguidade”, onde, segundo Turner, não estão mais nas condições da infância, mas também ainda não são plenamente adultos. Eles atravessam uma experiência de transformação e aprendizado, uma fase de “anti-estrutura”, onde a hierarquia social habitual se dissolve temporariamente, e os iniciados compartilham experiências que os igualam enquanto grupo.

Ao superar a fase liminar, o iniciado passará pela fase de reincorporação. Esta ocorre quando ele ou ela retorna à comunidade com o novo *status*. Esse novo *status* é representado simbolicamente por meio de comportamentos, rituais e novos papéis sociais que são reconhecidos pela comunidade. Turner ressalta que, ao passar por esse processo, os indivíduos não apenas assumem um novo papel social, mas também reforçam a coesão e a continuidade

da sociedade, pois o rito de passagem serve para integrar o indivíduo de volta à comunidade, agora transformado e com novas responsabilidades.

Após completar as duas etapas anteriores do ritual, os jovens são reincorporados à comunidade como adultos, com novas responsabilidades e uma nova identidade dentro da estrutura social. Eles agora têm o reconhecimento social de sua maturidade e podem assumir papéis importantes na comunidade, como de guerreiros ou de líderes. Esse retorno à sociedade com um novo *status* é a fase de reincorporação, conforme descrito por Turner, quando o iniciado assume sua nova posição social e se reintegra ao grupo comunitário.

Clifford Geertz, em sua obra *A Interpretação das Culturas* (1973), desenvolve a ideia de que a cultura não é um sistema de respostas automatizadas, mas sim um conjunto de significados compartilhados que se expressam por meio de símbolos. Segundo Geertz, “a cultura é um conjunto de conceitos que estão armazenados na mente dos membros de uma sociedade e que podem ser externalizados por meio de práticas simbólicas” (GEERTZ, 1973, P. 10). Geertz propôs que a antropologia deveria se concentrar na análise desses significados culturais por meio dos símbolos que as pessoas usam em suas práticas cotidianas, entendendo-os como veículos que transmitem valores e crenças.

Geertz introduziu a noção de que os símbolos e os significados são interpretados dentro de um contexto cultural específico. Para ele, a interpretação das culturas se dá a partir da análise das ações humanas como textos que precisam ser decodificados para compreender os significados subjacentes. Em outras palavras, ele sugeriu que as práticas culturais, como rituais e comportamentos, devem ser entendidas não apenas como ações externas, mas como textos cheios de significado que refletem uma cosmovisão compartilhada por um grupo social. Esse olhar interpretativo está em consonância com sua famosa expressão: “A cultura é, então, ‘tecidos de significados’ que os homens tecem sobre si mesmos” (GEERTZ, 1973, P. 5).

Os símbolos, de acordo com Geertz, são os meios pelos quais as culturas transmitem seus significados. Eles não são apenas representações de ideias ou conceitos, mas carregam uma carga de significados profundos que articulam e estruturam a realidade percebida pelos membros de uma sociedade. Geertz argumenta que a cultura pode ser compreendida como uma “web de significados” (GEERTZ, 1973, P. 5) na qual as pessoas se encontram imersas, e onde a interpretação dos símbolos é crucial para o entendimento das práticas sociais. No contexto dos rituais de iniciação, como o ritual Tucandeira, os símbolos desempenham um papel central na transmissão de saberes, valores e identidades. O ritual Tucandeira dos Sateré-Mawé, como descrito por Geertz, pode ser visto como uma manifestação de uma

cultura rica em símbolos, nos quais o sofrimento físico e espiritual, o uso de plantas sagradas, e a invocação de espíritos têm um profundo significado cultural e identitário.

Os símbolos, no caso do ritual Tucandeira, são instrumentos de construção e transformação dos indivíduos que passam pela iniciação. Ao serem marcados com a dor física provocada pelas formigas Tucandeira, os jovens iniciados experimentam a conexão com a tradição e a ancestralidade, e também a transição de um estado de vida para outro, no qual a dor se torna um meio simbólico de aprendizagem e purificação. Segundo Geertz, os rituais de iniciação são “formações simbólicas que não apenas transmitem, mas também constroem a identidade dos indivíduos dentro de uma coletividade” (GEERTZ, 1973, P. 21).

Os Sateré-Mawé, um povo indígena da Amazônia, possuem uma tradição rica em rituais de iniciação que revelam uma relação profunda com a dor, o sofrimento e o mundo espiritual. Durante esses rituais, as formigas Tucandeira desempenham um papel central, uma vez que suportá-las simboliza não apenas a superação de desafios físicos, mas também a transformação e o fortalecimento do indivíduo.

A utilização dessas formigas, que possuem uma picada intensa, é uma forma de testar a resistência e a coragem dos jovens iniciados. Esse processo doloroso é encarado como um rito de passagem essencial, quando os participantes devem superar suas limitações físicas para alcançar um novo estado de ser. Essa experiência de dor é acompanhada por elementos simbólicos como plantas sagradas e cantos xamânicos, que criam um ambiente propício à conexão com as forças espirituais e ancestrais.

Através dessa dinâmica ritualística, os Sateré-Mawé estabelecem uma comunicação profunda entre o corpo humano e os elementos naturais. Nesse contexto as plantas sagradas não são apenas remédios ou alimentos; elas são vistas como entidades vivas que possuem sabedoria e poder. Os cantos xamânicos, por sua vez, atuam como mediadores entre o mundo terreno e o espiritual, permitindo que os iniciados se sintam parte de algo maior.

Clifford Geertz descreve essa intersecção como uma “linguagem simbólica”, onde cada elemento do ritual – desde as formigas até os cantos – reforça a coesão entre os membros da comunidade. Essa linguagem serve para transmitir valores culturais, fortalecer laços sociais e promover um senso de pertencimento. Assim, os rituais não apenas marcam a transição dos indivíduos, mas também consolidam a identidade coletiva do povo Sateré-Mawé.

No caso do ritual Tucandeira, o uso de formigas com um veneno altamente doloroso, capaz de causar febre por dias, conhecidas por sua picada intensa, é um símbolo poderoso de transição e aprendizado. A dor física experimentada pelos iniciados é interpretada como um

meio de purificação e transformação, o que remete ao conceito de Geertz de que os rituais de iniciação servem como um “ato simbólico de transformação de um estado de existência para outro” (GEERTZ, 1973, P. 118).

Além disso, o uso de plantas sagradas, como o cipó e a participação de xamãs que convocam espíritos ancestrais, são elementos que remetem a uma visão espiritual e naturalista do mundo. Esses elementos são parte de uma “linguagem simbólica” própria da comunidade Sateré-Mawé, na qual o significado desses símbolos só pode ser plenamente entendido dentro do contexto cultural e espiritual daquela sociedade.

Ele argumenta que o sacrifício, como parte de um ritual, não é apenas um meio de expiação ou de punição, mas sim uma forma de “comunicação simbólica” entre os humanos e os deuses ou espíritos. A intensidade da dor, nesse contexto, adquire um significado que vai além do físico, assumindo uma dimensão espiritual. Como é apontado por Geertz: “O sacrifício e a dor têm, entre os povos não ocidentais, a função de criar uma sintonia profunda entre o indivíduo e as forças sobrenaturais” (GEERTZ, 1973, P. 56). No caso dos Sateré-Mawé, a dor intensa é o passaporte que representa a entrada do adolescente no mundo adulto, como um desafio ao corpo e à mente. A dor, presente de maneira central no ritual Tucandeira, pode ser comparada à noção de sacrifício presente em outras culturas estudadas por Geertz.

3. A METODOLOGIA DA PESQUISA

A ida ao campo de estudos nos fez reviver de perto o ritual Tucandeira e sua imbricada relação com a identidade cultural da nação étnica Sateré-Mawé. A descrição nos leva além de uma simples observação do ritual; buscávamos entender como esse rito de passagem é percebido e vivenciado pelos participantes, o que nos robustece a compreensão de sua relevância na construção e na manutenção da identidade cultural deste povo indígena. Nesse sentido, a pesquisa utilizou uma metodologia multifacetada, incluindo:

A observação nos proporcionou uma imersão visual no ritual e, ao mesmo tempo, nos permitiu a coleta de dados detalhados. A observação das ações, interações e expressões dos participantes, a atmosfera do evento e a dinâmica social em jogo, possibilitou a o acompanhamento da experiência ritualística em seu contexto natural (MARCONI & LAKATOS, 2020).

Através da observação, foi possível interpretar o ritual conforme defende Clifford Geertz (1973), o qual ensina que a cultura é formada por “tecidos de significados que os homens tecem sobre si mesmos” (GEERTZ, 1973, P. 5). Para Geertz, as práticas culturais

devem ser entendidas como símbolos vivos e carregados de significado. Assim, ao acompanhar o ritual, pude compreender que a dor, os cantos e o uso das formigas Tucandeira são expressões simbólicas que traduzem a cosmovisão e a identidade dos Sateré-Mawé.

Entrevistas semiestruturadas, com jovens iniciados e anciãos da comunidade me permitiram ouvir diferentes percepções e experiências sobre o ritual. Essa técnica possibilitou a escuta das vozes internas da comunidade, reforçando o que Stuart Hall (1997) afirma sobre a identidade cultural ser “uma construção social que resulta das interações entre indivíduos e grupos dentro de contextos específicos” (HALL, 1997, P. 28).

Durante as entrevistas, ficou evidente que a identidade cultural dos Sateré-Mawé é dinâmica, constantemente negociada e ressignificada. Isso confirma a visão de Hall, que destaca: “as identidades culturais não são fixas, não são propriedades naturais; elas estão sempre em construção, com influências internas e externas em jogo” (HALL, 1997, P. 34).

Estas nos permitiu dialogar com membros da comunidade, incluindo jovens iniciados e anciãos, os quais nos forneceram perspectivas diversas sobre o significado e a importância do ritual. Essa abordagem permitiu que os participantes expressassem suas opiniões de forma livre, mas também guiada por assuntos necessários ao contexto da pesquisa, como a experiência pessoal com o ritual, o seu significado cultural, e a sua relação com a identidade Sateré-Mawé.

Questionários, a aplicação dessa técnica de coleta permitiu a coleta de dados sobre as percepções dos participantes, complementando as informações qualitativas obtidas através de observações e entrevistas. Os questionários possibilitaram observar a pluralidade de interpretações sobre o ritual, o que reforça a ideia de Hall (1997) de que “as práticas culturais não são homogêneas; ao contrário, são fragmentadas, plurais e variáveis” (HALL, 1997, P. 29).

Os dados obtidos por meio da aplicação dessa técnica forneceram uma visão mais sistematizada das opiniões e experiências repassadas. Essa diversidade de percepções aponta para a riqueza simbólica do ritual, que pode ser visto como um “ato simbólico de transformação de um estado de existência para outro” (GEERTZ, 1973, P. 118), como explica Geertz. Ao registrar como cada participante vivencia o rito, ficou evidente que os símbolos do ritual possuem significados pessoais e coletivos, fortalecendo os laços sociais e a continuidade cultural.

Os questionários continham cinco perguntas abertas aos membros da comunidade que participaram do rito. O objetivo desses questionários era obter uma visão mais ampla sobre

como diferentes indivíduos percebem o ritual e como este impactam suas vidas. As perguntas foram elaboradas de forma a estimular reflexões sobre o significado pessoal do rito, suas expectativas antes da cerimônia e as mudanças percebidas após a iniciação. A aplicação desses questionários complementou as informações obtidas nas entrevistas e na observação, permitindo a obtenção de uma análise mais robusta.

A estrutura do ritual observada no campo também confirma o modelo de Victor Turner (1969) sobre os ritos de passagem. Durante as entrevistas, ficou evidente que a identidade cultural dos Sateré-Mawé é dinâmica, constantemente negociada e ressignificada. Isso confirma a visão de Hall, que destaca: “as identidades culturais não são fixas, não são propriedades naturais; elas estão sempre em construção, com influências internas e externas em jogo” (HALL, 1997, P. 34).

Esses métodos combinados proporcionaram uma visão holística da cultura Sateré-Mawé, permitindo a captação tanto de experiências pessoais quanto dos significados coletivos associados aos rituais de iniciação. O material coletado ajudou a entender melhor não apenas as práticas culturais, mas também as relações sociais que sustentam essa tradição.

O estudo incluiu um total de cinco participantes. Cada um deles trouxe uma perspectiva única e valiosa sobre os rituais de iniciação na comunidade Sateré-Mawé. A seguir, apresenta-se a descrição detalhada dos jovens iniciantes que participaram do ritual estudado:

Além dos jovens iniciantes, outros três participantes contribuíram para a pesquisa, incluindo anciãos respeitados da comunidade e membros que atuaram como facilitadores do rito. Cada um deles trouxe uma perspectiva valiosa sobre as tradições e os significados subjacentes aos rituais de iniciação.

A pesquisa de campo forneceu mais que a possibilidade de descrição do ritual da Tucandeira. Buscou-se vislumbrar a sua profunda influência na identidade cultural dos Sateré-Mawé. Observamos o ritual não apenas como um evento cerimonial, mas como um processo dinâmico e transformador que molda a experiência individual e coletiva dos participantes, garantindo a transmissão da cultura e a perpetuação da identidade Sateré-Mawé ao longo das gerações. Essa combinação de diferentes técnicas de coleta de dados nos permitiu a tecitura de uma análise mais complexa e abrangente, buscando integrar perspectivas qualitativas e quantitativas para uma compreensão mais profunda do fenômeno estudado.

Diante disso, a pesquisa foi realizada na comunidade Sateré-Mawé, especificamente, na Aldeia São Marcos e Torrado. Essa é uma das aldeias que compõem o complexo de

comunidades Sateré-Mawé. Ela, como em muitas outras na região, possui um ambiente natural exuberante e é caracterizada por suas práticas tradicionais de subsistência, que incluem a agricultura de pequena escala, a coleta de frutas nativas e a pesca em rios locais. A cultura Sateré-Mawé é rica em rituais e celebrações que refletem sua relação com a natureza.

A Aldeia Torrado, apresenta características semelhantes em termos de tradições culturais e práticas de vida. Há, frequentemente, colaboração para a realização de atividades comunitárias que visam fortalecer sua identidade cultural e promover o desenvolvimento sustentável entre aldeias.

Assim, o processo de imersão na aldeia para a realização da coleta de dados ocorreu entre os dias 10 e 20 de janeiro de 2025. Esse período foi escolhido cuidadosamente, levando em consideração diversos fatores que poderiam influenciar tanto a coleta de dados quanto na interação com a comunidade. A escolha visava garantir uma compreensão abrangente da cultura Sateré-Mawé e do significado de seus rituais de iniciação. Os métodos escolhidos foram cuidadosamente planejados para proporcionar uma coleta de dados rica e significativa, refletindo as complexidades da vida na comunidade conforme passaremos a descrever.

Um dos aspectos mais fascinantes da pesquisa foi a oportunidade de participar dos rituais de iniciação. Essa experiência permitiu não apenas observar, mas vivenciar o processo em primeira mão. Foram acompanhadas todas as etapas do ritual no próprio cenário em que foi realizado. Desde as preparações iniciais até a celebração final. Essa observação foi uma ferramenta valiosa porque proporcionou compressões profundas sobre o simbolismo e as emoções envolvidas no ritual. Foi observado como os jovens se preparavam para a iniciação, a importância das tradições transmitidas pelos anciãos e a união da comunidade em torno desse evento significativo. Essa vivência direta permitiu compreender que o ritual da Tucandeira vai muito além de um simples evento cerimonial; ele representa um processo profundo de transmissão cultural, fortalecimento dos vínculos comunitários e ressignificação identitária. A participação ativa no ritual proporcionou não apenas o registro de práticas simbólicas, mas também o reconhecimento do papel essencial que essas tradições desempenham na formação dos indivíduos e na coesão do grupo. Desse modo, a observação participante reafirma a importância de abordagens sensíveis e imersivas na pesquisa etnográfica, revelando a riqueza das experiências vividas e o poder transformador da cultura nos contextos indígenas contemporâneos.

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

Nossa percepção a respeito do processo cultural observado nos confere a seguinte análise subjetiva. Durante o período de preparação, percebeu-se a ansiedade e a excitação nos rostos dos jovens, o que poderia ser reflexo da importância que aquele momento significava para eles. Por outro lado, a interação entre eles e os anciãos não era apenas um ato de aprendizado, mas também uma troca emocional. Nessas trocas, as risadas e pequenas histórias compartilhadas criavam um ambiente acolhedor e, ao mesmo tempo, de respeito.

Notamos como os rituais eram adaptados de acordo com as particularidades dos jovens iniciantes, revelando a flexibilidade das tradições para acomodar as individualidades. A união da comunidade se manifestava em pequenos gestos, como o apoio mútuo entre famílias e vizinhos, que se reuniam para ajudar na organização do evento.

Essas experiências coletivas criavam um sentimento de pertencimento e continuidade cultural, quando cada jovem se sentia parte de algo maior do que ele mesmo. Essa atmosfera vibrante e solidária era perceptível e nos mostrava que a iniciação não era apenas um rito de passagem, mas um momento de reafirmação da identidade comunitária.

A observação do ritual Tucandeira nos proporcionou a percepção de uma rica tapeçaria de significados e simbolismos. O ritual, para o povo Sateré-Mawé se constitui como algo mais do que um simples evento cultural; ele representa uma profunda transição espiritual para os jovens da comunidade. O ritual é um processo estruturado, dividido em várias etapas que culminam na celebração da passagem dos jovens iniciantes à vida adulta.

A primeira etapa é marcada pela preparação dos jovens, durante a qual cada um deles é adornado com pinturas corporais elaboradas a partir de um elemento extraído de uma árvore nativa denominada de genipapeiro. Essas pinturas não são meramente decorativas; elas são representações visuais da identidade cultural e dos valores que os iniciantes devem incorporar ao longo de suas vidas. As cores e padrões utilizados têm significados específicos, muitas vezes relacionados à natureza, à ancestralidade e aos desafios que os jovens enfrentarão como adultos.

Os participantes do ritual ressaltam a importância da cerimônia como um símbolo de transição para a vida adulta. Este momento é considerado crucial para a aceitação dos jovens na comunidade, pois marca o reconhecimento de sua capacidade de assumir responsabilidades e contribuir para o bem-estar coletivo. A aceitação não se limita apenas à família imediata; ela envolve toda a comunidade, que se reúne para celebrar e apoiar os iniciantes nessa nova fase de suas vidas. Observou-se também o uso de diversos elementos simbólicos ao longo do rito. Um dos mais significativos é o uso das cordas. As cordas representam os laços que unem não

apenas os indivíduos em sua jornada pessoal, mas também a conexão entre todos os membros da comunidade. Elas simbolizam a interdependência e o suporte mútuo, enfatizando que ninguém está sozinho em sua trajetória.

Instrumentos musicais tradicionais desempenham um papel vital durante as celebrações. A música, assim como as cordas, não apenas enriquece a experiência sensorial do rito, mas também serve como uma forma de comunicação espiritual. Os ritmos e melodias utilizadas evocam sentimentos profundos de pertencimento e conexão com as tradições ancestrais.

Os participantes relataram que a música tem o poder de elevar o espírito e criar uma atmosfera de união entre os presentes. Dessa forma, o ritual não traduz apenas uma cerimônia; legitima um momento sagrado onde passado, presente e futuro se entrelaçam, reforçando a continuidade das tradições culturais e fortalecendo os laços sociais.

Relativamente, às entrevistas semiestruturadas, usadas para complementar as observações, elas foram realizadas com quatro membros da comunidade, sendo dois jovens recém-iniciados e dois anciãos. Essa técnica foi escolhida para nos permitir um diálogo aberto, enquanto ainda mantinha algumas questões direcionadoras que deveriam ser exploradas. Assim, as questões direcionadoras foram elaboradas para iniciar o diálogo, ao mesmo tempo em que permitiam a expressão livre das experiências e opiniões dos entrevistados.

Erizeu é um jovem de 16 anos, vibrante e curioso, que sempre demonstrou interesse pelas tradições e práticas culturais de sua comunidade. Desde pequeno, ele acompanhou os rituais realizados por seus familiares e amigos mais velhos, desenvolvendo um profundo respeito pelas tradições Sateré-Mawé. Durante nossa conversa, Erizeu compartilhou suas expectativas em relação ao ritual de iniciação e como ele se preparou mentalmente para esse momento significativo em sua vida. Ele destacou a importância da conexão com seus ancestrais e como o rito representa um marco em sua transição para a vida adulta. Além disso, expressou sua esperança de que essa experiência o ajude a assumir responsabilidades maiores dentro da comunidade.

Eliaquim, outro participante, tem 17 anos. É um jovem que passou pelo ritual de iniciação no mês de janeiro de 2025. Ele descreveu essa experiência como transformadora e cheia de emoção. Na entrevista, falou sobre os desafios que enfrentou durante o rito e como isso o ajudou a fortalecer sua identidade cultural. Ele mencionou que o apoio dos anciãos e a presença da comunidade foram fundamentais para seu sucesso no ritual. Eliaquim também compartilhou suas reflexões sobre as lições aprendidas durante o processo, enfatizando a

importância da resiliência e do respeito às tradições. Para ele, o rito não apenas marcou sua passagem para a vida adulta, mas também solidificou seu compromisso em preservar e transmitir a cultura Sateré-Mawé às futuras gerações.

Esses dois jovens iniciantes foram selecionados para participar do estudo devido à sua disposição em compartilhar suas experiências pessoais e à relevância de suas histórias no contexto das práticas culturais da comunidade. Através de suas vozes, foram exploradas não apenas as emoções ligadas ao rito de iniciação, mas também as expectativas que cercam essa importante transição na vida dos jovens Sateré-Mawé.

Para os jovens recém-iniciados Erizeu e Eliaquim as perguntas foram as seguintes: “Como você se sentiu durante o processo de preparação para a iniciação?” e “Quais foram os momentos mais significativos para você durante essa experiência?” Descreveremos as respostas deles ; Erizeu: ***“No começo, eu estava muito ansioso. Era algo que eu esperava há anos, mas também tinha medo do que vinha a seguir. Era como se estivesse prestes a entrar em um novo capítulo da minha vida.”***

Esse relato de ansiedade e expectativa pode ser compreendido à luz dos estudos de Carvalho (2015), a qual destaca que o ritual da Tucandeira é um marco essencial na vida dos jovens Sateré-Mawé, funcionando como um divisor de fases e como um elemento fundamental na construção da identidade. Segundo essa estudiosa: “[...] o ritual marca a transição dos jovens para a vida adulta e fortalece a conexão com a ancestralidade e a coletividade” (CARVALHO, 2015, P. 44). Essa perspectiva explica a ansiedade de Erizeu, sentida como parte da expectativa por esse reconhecimento social e espiritual.

A resposta fornecida pelo entrevistado expressa um sentimento muito comum entre aqueles que estão prestes a passar por uma grande mudança na própria vida. A expectativa e a ansiedade coexistem, frequentemente, em momentos significativos, como uma iniciação. Essa dualidade revela a complexidade emocional do processo: a empolgação pelo que está por vir, misturada com o medo do desconhecido.

Isso nos lembra que o crescimento pessoal muitas vezes vem acompanhado de desafios emocionais, e é natural sentir-se apreensivo ao entrar em um novo capítulo da vida. Quando Erizeu menciona: ***“[...] entrar em um novo capítulo da minha vida”***, ele demonstra internalizar o papel simbólico do ritual como espaço de transformação, o que também é discutido por Victor Turner, citado por Carvalho: “o rito de passagem estrutura-se como um processo de separação, margem (liminaridade) e reincorporação” (CARVALHO, 2015, P. 46). O sentimento de medo e expectativa, portanto, é inerente ao estado de transição, ou seja, à fase

liminar, em que o jovem está entre dois mundos. Comparando com o que dizem Josias Ferreira de Souza e Ana Letícia de Fiori (2021):

A preparação do jovem guerreiro Sateré começa muito antes do ritual da Tucandeira [...] O tempo ideal de colocar a mão nas luvas de tucandeiras é aproximadamente entre 11 a 12 anos de idade, pois o adolescente não tem maldade no coração, sua mente é boa e consegue cumprir os pré-requisitos, o que facilita, ao término do ritual, conseguir controlar a dor e mostrar total domínio de seu corpo. [...] Quando ele consegue fazer o que o ritual lhe pede, recebe de sua família e da população indígena que o assiste respeito e admiração, além de pôr em prática a ideia de bom guerreiro, caçador, um bom pai de família. (SOUZA e FIORI, 2021 p. 5).

A experiência relatada por Erizeu encontra amparo na ideia antropológica de que os rituais de passagem não apenas marcam uma mudança de status social, mas também possuem forte carga emocional, simbolizando a transição entre fases da vida — como apontado por autores como Arnold van Gennep e Victor Turner. No caso Sateré-Mawé, a ansiedade e o temor expressam o peso simbólico do ritual como um divisor de águas na identidade do jovem.

Além disso, o texto de Souza e Fiori mostra como a preparação física e emocional faz parte do processo de resguardo e iniciação — elemento essencial da identidade cultural e da constituição do sujeito Sateré-Mawé. Segundo Carvalho (2022), “o ritual Tucandeira representa não apenas a perpetuação de uma tradição, mas a legitimação de um espaço onde a língua, a memória e a identidade cultural são vividas em sua totalidade” (CARVALHO, 2022, p. 8).

É neste contexto que a fala de Eliaquim, ao afirmar **“Durante a preparação, aprendi não apenas sobre nossas tradições, mas também sobre mim mesmo. Eu me senti mais confiante e pronto para enfrentar novos desafios.”** encontra amparo teórico, pois demonstra como a experiência ritualística possibilita o autoconhecimento e a construção da identidade individual e coletiva. Eliaquim evidencia, ainda, que o aprendizado durante o ritual vai além da técnica: é uma imersão no patrimônio simbólico da comunidade.

Como destacam Souza e Fiori (2023), “o fortalecimento cultural ocorre na prática, quando os jovens se reconhecem como protagonistas da sua própria história, capazes de reproduzir e ressignificar os saberes ancestrais” (SOUZA; FIORI, 2023, P. 11). Assim, o rito não apenas o preparou para desafios futuros, mas o inseriu como sujeito ativo na resistência cultural do povo Sateré-Mawé.

Eliaquim destaca um aspecto fundamental da preparação para a iniciação: o autoconhecimento. O fato de ele ter aprendido sobre as tradições da comunidade, ao mesmo tempo que se descobriu mais confiante, mostra como essas experiências podem ser transformadoras. Esse crescimento pessoal é essencial, pois não apenas enriquece a vida do

indivíduo, mas também o prepara para enfrentar novos desafios com uma nova perspectiva. O aprendizado em conjunto com o desenvolvimento da confiança é uma combinação poderosa que molda o caráter.

Em relação ao apoio fornecido pelos anciãos da aldeia aos jovens, Erizeu respondeu: ***“Sempre estão dispostos a compartilhar histórias e ensinamentos, o que me fez sentir que fazia parte de algo maior”***. Essa fala se articula com a análise feita por Carvalho (2022, P. 39), ao destacar o papel central dos mais velhos como transmissores da memória coletiva e da tradição oral entre os Sateré-Mawé: “Entre o povo Sateré, a contação de histórias dos mais velhos aos mais novos são sempre lembradas. [...] Assim, transmitem sua tradição cultural às gerações futuras, os saberes eram compartilhados e, deste modo, ao longo dos tempos, iam se acumulando e sendo repassados de geração a geração”.

Esse mesmo sentimento de pertencimento também é abordado por Souza e De Fiori (2021), que indicam que a partilha dos saberes tradicionais é uma estratégia de proteção identitária diante das pressões externas: “A transmissão dos conhecimentos tradicionais configura-se como prática de resistência e afirmação cultural. [...] O saber dos anciãos se apresenta como patrimônio vivo, estruturando práticas de cuidado, acolhimento e continuidade” (Souza & De Fiori, 2021, p. 9).

Em relação ao apoio fornecido pelos anciãos da aldeia aos jovens que vivenciam os preparativos de transição, Eliaquim foi assertivo ao expressar: ***“No início, eu estava um pouco intimidado pra procurar por eles, mas logo percebi que eles eram muito acolhedores. As conversas que tivemos me ajudaram a entender melhor a importância das tradições. Os anciãos foram fundamentais na minha preparação. Eles nos guiavam e nos ofereciam conselhos práticos, além de nos ensinar sobre nossos valores e identidade”***. Esse discurso está diretamente relacionado às informações teóricas presentes no texto de Carvalho (2015, p. 21), quando afirma que “a cultura expressa a herança sociocultural de uma comunidade, que é transmitida pelo convívio entre as novas e as velhas gerações”, destacando o papel essencial da oralidade e da convivência intergeracional como meios de transmissão de valores e saberes tradicionais. A acolhida e os ensinamentos dos anciãos, citados por Eliaquim, materializam essa dinâmica de troca, reforçando o papel da comunidade na formação identitária dos jovens.

Além disso, a autora complementa que “é neste propósito que, ao analisar o Ritual da Tucandeira, foram entrevistados os jovens, que representam a nova geração, e também as pessoas mais tradicionalistas, por entender que elas trazem uma vasta experiência e vivências

de mundo” (CARVALHO, 2015, p. 21), revelando a importância de ouvir ambas as gerações para compreender como se constrói e preserva a identidade cultural Sateré-Mawé.

Esse processo é também interpretado à luz da Etnolinguística, que, segundo a autora, analisa os fatos linguísticos e extralinguísticos no contexto em que são produzidos, permitindo compreender como os discursos dos anciãos se tornam instrumentos de formação dos jovens e de reafirmação da identidade (CARVALHO, 2015, p. 22).

Esse sentimento de pertencimento também é abordado por Souza e De Fiori (2021), que indicam que a partilha dos saberes tradicionais é uma estratégia de proteção identitária diante das pressões externas: “A transmissão dos conhecimentos tradicionais configura-se como prática de resistência e afirmação cultural. [...] O saber dos anciãos se apresenta como patrimônio vivo, estruturando práticas de cuidado, acolhimento e continuidade” (Souza & De Fiori, 2021, p. 9).

A afirmação de Erizeu, *“Sinto que faço parte da história da minha família”*, reflete a importância do ritual da Tucandeira na construção da identidade cultural dos Sateré-Mawé, conectando os jovens com suas raízes ancestrais e reforçando o sentimento de pertencimento à comunidade. Essa perspectiva se alinha com as teorias de Stuart Hall sobre identidade cultural como um processo dinâmico e fluido, construído através de interações sociais e culturais. A participação no ritual, portanto, não é apenas uma experiência individual, mas um processo de construção coletiva da identidade.

A resposta fornecida nos revela uma jornada de crescimento e aprendizado significativa. Inicialmente intimidado, ele encontrou conforto na acolhida dos anciãos, o que destaca a importância do ambiente inclusivo e caloroso na transmissão de conhecimento. As conversas que teve não apenas o ajudaram a entender as tradições, mas também a valorizar seu significado na formação da identidade cultural.

A menção ao papel fundamental dos anciãos em sua preparação mostra como a sabedoria deles é essencial para guiar as novas gerações, oferecendo conselhos práticos e ensinamentos sobre valores. Essa troca intergeracional fortalece os laços comunitários e enriquece a experiência de vida dos jovens. As entrevistas realizadas com os jovens recém-iniciados foram particularmente reveladoras, à medida em que compartilhavam suas expectativas e sentimentos antes e depois do ritual.

Doravante passaremos às respostas fornecidas por anciãos da aldeia. Primeiramente, qualificaremos o senhor João. Ele é líder comunitário com uma vasta experiência e conhecimento acumulado ao longo de suas seis décadas de vida. Desde jovem, foi ensinado

sobre a importância dos rituais e das práticas culturais que moldam a identidade Sateré-Mawé. Como um dos anciãos responsáveis pela cerimônia de iniciação, João não apenas coordena os eventos, mas também atua como um mentor para os jovens que estão prestes a passar por essa transição crucial.

A seguir, teremos a fala do ancião entrevistado. Perguntamos como era construído o relacionamento entre os jovens e os mais velhos da aldeia, o senhor João nos respondeu: *“Acredito que meu papel é ser um guia e um exemplo pra eles. É importante não apenas transmitir o que sabemos, mas também mostrar como aplicar isso na vida. Eu vejo minha função como a de um facilitador e ajudo os jovens a descobrir suas próprias vozes e identidades, enquanto compartilho as tradições da nossa comunidade. Meu papel é criar um espaço seguro onde os jovens possam se expressar e aprender. Isso inclui ouvir suas preocupações pra enfrentar os desafios que enfrentamos.”* reflete diretamente a função dos anciãos como formadores culturais e guias éticos entre os Sateré-Mawé.

Segundo Carvalho (2015, p. 142 e 143), “os mais velhos exercem uma autoridade moral sobre os indivíduos da comunidade, cabendo ao Tuxaua [...] a função de guardião maior da memória e da tradição da etnia, numa forma de não deixar morrer a cultura dos entes queridos [...]”. Esse ensinamento legitima o papel do ancião como um elo entre passado e futuro, preservando e atualizando a tradição.

Na entrevista realizada, o líder João compartilhou algumas de suas memórias mais queridas relacionadas aos rituais. Recordou seu próprio rito de iniciação, que ocorreu em sua adolescência, e como essa experiência o ajudou a se conectar mais profundamente com sua herança cultural. Para ele, cada cerimônia é uma oportunidade não apenas para celebrar a passagem dos jovens à vida adulta, mas também para reforçar os laços comunitários que sustentam a cultura Sateré-Mawé.

O senhor João enfatizou que o papel dos anciãos vai além da organização das cerimônias; eles são responsáveis por transmitir ensinamentos valiosos aos jovens. Ele acredita que os rituais são momentos de reflexão onde os iniciantes aprendem sobre responsabilidade, respeito e o significado da vida em comunidade. Durante as cerimônias, João se certifica de que todos os aspectos do rito sejam realizados com reverência e autenticidade, assegurando que as tradições sejam respeitadas e preservadas.

A resposta do Ancião João reflete uma abordagem sábia e compassiva em relação ao papel dos mais velhos na sociedade. Ele enfatiza a importância de ser um guia, não apenas transmitindo conhecimento, mas demonstrando como aplicá-lo na vida prática. Ao se

posicionar como facilitador, ele valoriza a individualidade dos jovens, promovendo a descoberta de suas identidades. Além disso, ao criar um espaço seguro, ele garante que os jovens se sintam ouvidos e apoiados em suas lutas.

Essa visão intergeracional fortalece a comunidade, unindo tradição e inovação. Mostra também a importância de os mais novos seguirem as experiências dos mais velhos como espaço de aprendizagem. As conversas com os anciãos trouxeram à tona a sabedoria acumulada ao longo dos anos e o significado cultural profundo do ritual de iniciação. Essa troca intergeracional foi essencial para entender como a tradição era vivida e como poderia ser reinterpretada atualmente. Carvalho, (2025, p. 39)

A autora destaca ainda que: “Entre o povo Sateré, a contação de histórias dos mais velhos aos mais novos são sempre lembradas. [...] as histórias [...] acompanhadas pela bebida do tarubá [...] criam laços e revigoram a identidade.” Assim, podemos entender que a oralidade e a presença dos anciãos são pilares na transmissão cultural. Pois, a mesma autora reforça: “Os mais velhos exercem uma autoridade moral sobre os indivíduos da comunidade [...], guardiões da memória e da tradição de sua etnia.” (CARVALHO, 2015, p. 143). O que nos leva a pensar que a troca de apoio intergeracional não é apenas educativa, mas estruturante da própria identidade Sateré-Mawé

Além disso, o senhor João destacou a importância da participação ativa da comunidade durante esses eventos. Ele acredita que cada membro tem um papel crucial a desempenhar na formação dos jovens e na continuidade das tradições. Com isso em mente, ele incentiva todos os envolvidos – desde familiares até amigos – a se engajar nas atividades pré-cerimoniais e nas celebrações após o rito.

João é visto como uma figura paternal não apenas para os jovens iniciantes, mas também para muitos na comunidade que buscam orientação e sabedoria. Sua presença durante as cerimônias é sinônimo de segurança e continuidade cultural. Ele possui um profundo respeito pelos ensinamentos ancestrais e está comprometido em garantir que as futuras gerações mantenham viva a rica herança Sateré-Mawé.

Assim, as respostas obtidas nos proporcionaram revelações valiosas, as quais passamos a ponderar. Todos os entrevistados expressaram orgulho ao participar do ritual da Tucandeira, mencionando que o ritual fortalece sua conexão com a cultura e os antepassados, como expressa na resposta do jovem Erizeu e do ancião João.

O orgulho expresso nas respostas dos entrevistados pode ser analisado sob a ótica de Victor Turner e seus conceitos sobre “rituais de passagem”. O ritual da Tucandeira representa

uma transição para a vida adulta, marcando uma mudança de status social e uma reintegração à comunidade com um novo papel. A superação dos desafios físicos e emocionais durante o ritual contribui para a formação de uma identidade forte e resiliente, conforme a perspectiva de Turner.

A experiência do ritual também pode ser interpretada através da lente de Clifford Geertz, que enfatiza a importância dos símbolos e significados compartilhados na construção da identidade cultural. Os símbolos e rituais do Tucandeira transmitem valores, crenças e conhecimentos ancestrais para as novas gerações, reforçando a identidade cultural e a coesão social.

O orgulho dos jovens, portanto, é uma demonstração da internalização desses valores e da identificação com os símbolos e significados da cultura Sateré-Mawé, conforme indica Carvalho (2015, p. 108), ao afirmar que: “o ritual é constituído por um código, formado por um conjunto de signos verbais e não verbais, que ganham significados e são interpretados no contexto sociocultural em que ocorrem”, e que, nesse sentido, “a formiga tucandeira é a principal figura, [...] a ela se agregam vários significados no contexto cultural”, representando um símbolo de força, proteção e transição para a vida adulta. Além disso, Geertz (2008) ensina que: “a cultura deve ser compreendida como um sistema de significações simbólicas que orienta a ação humana” (GEERTZ citado por CARVALHO, 2015, p. 14).

A experiência subjetiva dos jovens no ritual não é apenas individual, mas faz parte de um sistema simbólico coletivo, em que os símbolos (como a luva de formigas, as pinturas corporais e os cantos) articulam sentidos compartilhados pela comunidade, reforçando a identidade coletiva, exatamente como propõe Geertz (2008) em sua abordagem interpretativa da cultura.

Declaração dada pelos participantes se traduz pelo orgulho expresso durante a realização das entrevistas. Todos demonstram a profunda influência do ritual da Tucandeira na formação da identidade cultural dos Sateré-Mawé. Essa influência pode ser compreendida através das teorias de Hall, Turner e Geertz, que fornecem uma estrutura analítica para entender a complexa interação entre o indivíduo, a comunidade e a tradição cultural. Aqui se expressa e se demonstra como o ritual serve como um mecanismo de transmissão cultural, fortalecimento da identidade e preservação das tradições ancestrais.

A exemplo do que relata Eliaquim, o adolescente de 17 anos, o qual relata os desafios enfrentados durante o processo de iniciação ao comentar sobre a dor física, mas que enfatizou: ***“Vale a pena passar pela dor para se tornar um verdadeiro Sateré-Mawé”***. A declaração

ênfática de Eliaquim, destaca a importância do ritual da Tucandeira na construção da identidade cultural e na formação da masculinidade dentro da comunidade Sateré-Mawé.

A superação da dor física durante o ritual não é vista apenas como um teste de resistência, mas como um processo de transformação que confere status e pertencimento. Essa dimensão simbólica da dor é amplamente tratada por Carvalho (2023), que esclarece: “a formiga tucandeira é símbolo de transformação” e sua picada “estabelece uma relação metafórica que sinaliza a transição do menino [...] para a condição de homem adulto”. Ademais, Turner (2005, p. 61) afirma que o ritual de passagem representa um momento liminar, em que o iniciado é despojado de sua identidade anterior para assumir uma nova condição social.” (Turner, 2005 citado por Carvalho, 2015, p. 86).

Essa perspectiva se relaciona diretamente com a teoria de Victor Turner (2005) sobre rituais de passagem. A experiência de Eliaquim se encaixa perfeitamente na fase liminar, um estado de ambiguidade e transição entre a infância e a vida adulta. A dor física simboliza a separação da identidade infantil e a entrada em um novo *status* social. A superação dessa provação e a subsequente reincorporação na comunidade, como um “verdadeiro Sateré-Mawé”, representam a conclusão bem-sucedida do ritual de passagem. A transformação não é apenas física, mas também produz bem social e espiritual.

A afirmação de Eliaquim também pode ser analisada através da lente de Clifford Geertz, que enfatiza a interpretação de símbolos e significados culturais. A dor física não é apenas uma experiência sensorial, mas um símbolo carregado de significado cultural. Ela representa a provação necessária para alcançar um novo status social, a masculinidade plena dentro da comunidade, e a conexão com o mundo espiritual e ancestral. A superação da dor se torna, assim, um símbolo de força, resistência e pertencimento.

A experiência de Eliaquim ilustra a complexidade do ritual da Tucandeira, que não é apenas um evento físico, mas um processo de transformação social e espiritual. A superação da dor física é interpretada como um símbolo de sucesso na transição para a masculinidade e para a plena integração na comunidade Sateré-Mawé, conforme as teorias de Turner e Geertz. A declaração de Eliaquim demonstra a profunda influência do ritual na formação da identidade cultural e na construção de um senso de pertencimento e propósito dentro da comunidade. Carvalho enfatiza que “o rito é um momento de transcendência, de renascimento simbólico do jovem, que passa a carregar consigo os valores e saberes da comunidade” (CARVALHO, 2015, p. 112). Esse aspecto reforça a transformação espiritual apontada por Eliaquim.

Complementando, o uso da dor, como signo cultural também é ressaltado: “A dor física provocada pela formiga tucandeira não é apenas um castigo ou provação, mas um processo de significação do corpo, que passa a ser marcado pelo pertencimento” (CARVALHO, 2015, p. 118).

Os líderes comunitários ressaltaram a importância do ritual para preservar a cultura Sateré-Mawé. Alício, mais um participante da entrevista, é tuxaua da Aldeia São Marcos, afirmou: “*Sem o Tucandeira, nossa identidade se perderia*”. Tem profunda conexão com os referenciais teóricos presentes no texto de Joelma Monteiro de Carvalho (2015), especialmente no que diz respeito à função simbólica e identitária do ritual na cultura Sateré-Mawé.

Segundo Carvalho (2015): “O Ritual da Tucandeira, carregado de símbolos, valores sociais e culturais, é uma das principais formas de transmissão da identidade Sateré-Mawé.” (CARVALHO, 2015, p. 16). Esse ritual é descrito como um mecanismo vital de preservação da memória coletiva e das tradições ancestrais, o que dialoga diretamente com a fala de Alício. O ritual, conforme aponta a autora, não é apenas uma cerimônia estética ou espiritual, mas um processo de reafirmação identitária em meio às pressões da modernidade e do contato com o mundo não indígena: “A cultura expressa a herança sociocultural de uma comunidade, que é transmitida pelo convívio entre as novas e as velhas gerações.” (CARVALHO, 2015, p. 21). Além disso, a autora destaca que a perda do ritual seria equivalente a perder um canal de comunicação intergeracional, uma *linguagem cultural viva* que articula passado, presente e futuro.

A declaração de Alício sintetiza a importância crucial do ritual para a preservação da cultura e identidade Sateré-Mawé. Essa afirmação demonstra a profunda interconexão entre o ritual, a identidade cultural e a continuidade da comunidade. Como observa Carvalho (2015, p. 15), “para compreender essa cultura [...] julgam-se necessários o resgate e a preservação da memória dessa etnia, que está intrínseca também em seus rituais.” Ou seja, os rituais, como o Tucandeira, não são apenas cerimônias, mas estruturas essenciais da memória coletiva e da transmissão cultural dos Sateré-Mawé.

A autora é enfática ao reafirmar que “o Ritual da Tucandeira é carregado de símbolos, valores sociais e culturais, e vem despertando o interesse de pesquisadores de diversas áreas” (CARVALHO, 2015, p. 16), fortalecendo o entendimento que o papel desse ritual como elemento central na manutenção da identidade étnica frente às transformações sociais e urbanas ainda é necessário atualmente.

Essa perspectiva pode ser analisada sob a ótica de Stuart Hall, que enfatiza a identidade cultural como um processo dinâmico e fluido, construído e reconstruído continuamente através de práticas culturais e interações sociais. O ritual da Tucandeira, nesse contexto, não é apenas uma tradição, mas um mecanismo fundamental para a transmissão e a reprodução da identidade cultural Sateré-Mawé. Sem ele, a continuidade dessa construção identitária estaria ameaçada, levando à potencial perda da identidade cultural.

A perspectiva de Alício também se alinha à teoria de Clifford Geertz sobre a interpretação das culturas que compreende a cultura como um sistema simbólico compartilhado, por meio do qual os indivíduos atribuem sentido às suas experiências. Para o autor, “a cultura é um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os seres humanos se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e atitudes em relação à vida” (Geertz, 2008, p. 15).

Nesse sentido, o ritual da Tucandeira, como prática simbólica estruturante, representa um meio essencial de transmissão da identidade e dos valores Sateré-Mawé. Ainda segundo Geertz (2008, p. 83), “os símbolos sagrados não dramatizam apenas os valores positivos, mas também os negativos [...] apontam não somente a existência do bem, mas também do mal e conflito que existem”. Essa afirmação corrobora a fala de Alício, ao mostrar que o ritual não é apenas celebração da cultura, mas também ferramenta de resistência frente às tensões externas e ao risco de apagamento identitário.

O ritual da Tucandeira é um sistema complexo de símbolos e significados compartilhados que expressam os valores, crenças e conhecimentos ancestrais da comunidade Sateré-Mawé. A ausência desse ritual implicaria a perda de um componente essencial para a compreensão e a transmissão desses significados profundos, afetando a própria estrutura da cultura e a identidade coletiva.

Além disso, a afirmação de Alício ressalta a importância do ritual como uma forma de resistência cultural em um contexto de globalização e modernidade, conforme discutido por diversos autores. A preservação do ritual Tucandeira representa uma forma de reafirmar a identidade e a cultura Sateré-Mawé frente às pressões externas que buscam homogeneizar as culturas. A perda do ritual significaria uma perda significativa na capacidade da comunidade de se manter autêntica e de resistir à assimilação cultural.

Aqui se destaca a importância inegável do ritual Tucandeira para a preservação da identidade cultural Sateré-Mawé. Essa importância se fundamenta na sua função como um mecanismo de transmissão cultural, na sua riqueza simbólica e na sua capacidade de promover

a resistência cultural. A perda do ritual representaria uma séria ameaça à continuidade da cultura e da identidade da comunidade. Como afirma Carvalho (2015), o Ritual da Tucandeira carrega símbolos, valores sociais e culturais fundamentais para a estruturação da identidade Sateré-Mawé, sendo um meio de resistência e preservação da memória coletiva dessa etnia. A autora destaca ainda que o ritual constitui um espaço de ensino e manutenção da língua, dos costumes e dos saberes tradicionais, sendo, portanto, essencial à perpetuação cultural do povo Sateré-Mawé.

Destaca-se, como elemento convergente, que as lideranças, tanto em TI como as das comunidades citadinas reconhecem o Ritual da Tucandeira como uma herança cultural que deve ser muito respeitada e valorizada pela etnia. Como marca identitária do povo Sateré-Mawé, mesmo em espaços urbanos, vem sendo mantida e transmitida às novas gerações, fato que demonstra a força da persistência étnica em preservar essa celebração ritualística com todo vigor. (CARVALHO, 2015).

Esse trecho nos confirma a função do ritual como um dos mecanismo mais efetivos de preservação/conservação e fortalecimento da identidade e da cultura dos povos Sateré-Mawé.

As entrevistas realizadas com as pessoas da comunidade a respeito da cultura Sateré-Mawé proporcionaram revelações valiosas que iluminam a importância do ritual Tucandeira. As vozes desses indivíduos não apenas refletem suas experiências pessoais, mas também oferecem um vislumbre da rica tapeçaria cultural que permeia a vida comunitária.

Os líderes reconhecem que o Tucandeira é mais do que apenas uma cerimônia. Que se trata de um pilar fundamental da identidade Sateré-Mawé. Eles veem o ritual como um meio vital para transmitir valores culturais, histórias e conhecimentos ancestrais às novas gerações. Ao enfatizar essa importância, eles estão comprometidos em garantir que as tradições continuem vivas e relevantes no futuro.

As entrevistas realizadas forneceram uma visão rica e multifacetada do ritual Tucandeira e seu impacto na vida dos jovens e na comunidade Sateré-Mawé como um todo. As expressões de orgulho cultural, os desafios enfrentados durante a iniciação e as reflexões dos líderes comunitários convergem para formar uma narrativa poderosa sobre identidade, pertencimento e resistência cultural. Essas vozes coletivas ressaltaram a relevância contínua do Tucandeira na formação da identidade Sateré-Mawé e na preservação de suas tradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As percepções construídas a partir dos dados observados revelam que o ritual da Tucandeira transcende a simples dimensão de um rito cultural. Mais que isso, ele se configura como uma experiência profundamente transformadora que desempenha um papel crucial na

solidificação da identidade cultural dos Sateré-Mawé e que por essa perspectiva deve ser preservada em sua essência.

Na concepção dos jovens que dele participam, o ritual não significa apenas uma questão de tradição cultural. Mas uma oportunidade de se reconectar com suas raízes ancestrais, fortalecendo seu senso de pertencimento e continuidade cultural. A vivência do ritual lhes proporciona um entendimento mais profundo sobre sua trajetória histórica, valores e práticas que moldaram sua comunidade ao longo do tempo e que se perpetuam conforme a necessidade que eles têm de preservá-lo à medida que práticas urbanas lhe afetam o convívio.

Os anciãos que contribuíram com este trabalho, por sua vez, veem o ritual da Tucandeira como uma forma vital de transmissão cultural e identitária que serve à manutenção da própria nação. Para eles, essa cerimônia também representa não apenas a preservação das tradições, mas também um meio de ensinar às novas gerações os conhecimentos e os ensinamentos repassados de forma oral ao longo dos anos. É um momento em que eles podem compartilhar suas experiências e sabedorias acumuladas, garantindo que esses elementos fundamentais da cultura Sateré-Mawé não se percam com o passar do tempo.

Ademais, o ritual é um espaço de união e fortalecimento de laços familiares e comunitários. Durante a celebração, membros da comunidade se reúnem para apoiar os participantes, criando um ambiente de solidariedade e cooperação mútua. Esse aspecto social do ritual reforça a coesão entre os membros da tribo e promove uma identidade coletiva forte e resiliente.

Portanto, observado por essa perspectiva, o ritual Tucandeira, aqui estudado, é muito mais do que uma simples prática cultural; ele é um pilar fundamental da identidade Sateré-Mawé. Através dele, tanto os jovens quanto os anciãos encontram significado e propósito em suas vidas, assegurando que as tradições e valores da comunidade sejam respeitados e mantidos vivos para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. O senso prático. Tradução de Maria Lúcia Machado. Petrópolis: Vozes, 2003.

- CARVALHO, Joelma Monteiro de. A presença da cultura Sateré-Mawé na escola indígena: práticas pedagógicas e identidade cultural. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.
- CARVALHO, Joelma Monteiro de. Memória, língua e ritual: práticas culturais e resistência do povo Sateré-Mawé. Parintins: Edição Independente, 2022.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas: Seleção de Textos. Tradução de Carlos Alberto Loureiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1973.
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- OLIVEIRA, G. M. A Cultura Sateré-Mawé: Entre a Tradição e a Modernidade. Manaus: Editora da UEA, 2012.
- SOUZA, Josias Ferreira de; FIORI, Ana Letícia de. A transmissão dos saberes ancestrais e o protagonismo juvenil entre os Sateré-Mawé. Cadernos de Cultura Indígena, v. 8, n. 2, p. 10-13, 2023.
- SOUZA, Josias Ferreira de; FIORI, Ana Letícia de. O ritual Tucandeira e o processo de formação cultural dos jovens Sateré-Mawé. Revista Saberes Indígenas, n. 12, p. 5-10, 2021.
- TURNER, Victor. A Sociedade na Comunicação Ritual: Estudos de Antropologia Simbólica. São Paulo: Editora 34, 1969.
- TURNER, Victor. O Processo Ritual: Estrutura e Anti-Estrutura. Aldine Publishing, 1969.
- TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 2005.
- VAN GENNEP, Arnold. Os Ritos de Passagem. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.